

### 3. “Los Gladiadores del Pensamiento”

“Escribo como medio y arma de combate, que combatir es realizar el pensamiento”.  
Domingo Faustino Sarmiento. Campaña el Ejército Grande.

“El atentado en la palabra es precursor del atentado en la acción”.  
Juan Bautista Alberdi. Cartas Quillotanas

Os primeiros enfrentamentos entre Alberdi e Sarmiento remontam ao período que ambos autores estiveram exilados no Chile. Durante essa época, os dois intelectuais argentinos já haviam discordado sobre temas como Congresso Americano e Educação Pública. Com o início da década de 1850, um novo cenário proporcionou a polêmica mais famosa do período e também a mais emblemática travada entre os dois. Os textos principais desse debate, conhecidos como *Cartas Quillotanas* e *Las Ciento y Una*, apresentam argumentos fundamentais para a construção da nova República Argentina, diante do fim do governo de Juan Manoel Rosas. Na polêmica, Alberdi e Sarmiento atacaram um ao outro de forma violenta e abordaram questões importantes sobre o exercício do periodismo e as estratégias de formação da opinião pública. Toda essa documentação reflete a experiência do momento e revela as principais divergências políticas entre os dois.

O periodismo foi um tema central em toda a polêmica. Mais do que falar de Argentina, esses dois autores discutiram a função da imprensa na América Hispânica. Também defenderam e criticaram como as publicações periódicas poderiam ser utilizadas para a paz e para a guerra. Nos textos, os dois autores também falaram sobre as instituições da República, tentaram mostrar os caminhos para a construção de um modelo da tão “*soñada organización*”, como definia o próprio Sarmiento.

A polêmica começou com a “Carta de Yungay” escrita por Sarmiento, em julho de 1852. No texto, o san juanino fez uma dedicatória para Alberdi e realizou severas críticas ao general Justo José Urquiza, vencedor da batalha que colocou fim ao governo de Rosas. Nesse mesmo ano, o conteúdo do artigo foi ampliado

por Sarmiento na obra *Campaña en el Ejército Grande*. A reação de Alberdi veio, no início de 1853, através de *Cartas sobre la Prensa y la Política Militante en la Republica Argentina*, que ficaram conhecidas como *Cartas Quillotanas* porque foram redigidas na cidade de Quillota, balneário próximo de Valparaíso, onde morava Alberdi. Em março do mesmo ano, veio a resposta de Sarmiento, mais uma vez agressiva, com o conteúdo de *Las Ciento y Una*. Alberdi replicou com *La Complicidad de la Prensa en las Guerras Civiles de la Republica Argentina* e a disputa chegou ao ponto máximo com o texto *Comentarios de la Constitución de la Confederación Argentina* de Sarmiento. Nesse último, o periodista tentou refutar a obra principal de Alberdi, *Bases y Puntos de partida para la Organización Política de la República Argentina*. A sequência incansável de textos dos dois autores foi resultado, principalmente, da instabilidade política do cenário e da tentativa de cada autor em diminuir o seu adversário como interlocutor essencial naquele momento.

Nesse capítulo, contextualizarei o período posterior a queda de Rosas, o panorama editorial em Buenos Aires com o fim desse governo e as características de uma imprensa de guerra marcada, principalmente, pela atuação em periódicos de vários intelectuais argentinos. A descrição desse período é fundamental para compreendermos o conteúdo da polêmica e analisar os *lances* e as linguagens apresentados por Alberdi e Sarmiento para falar de imprensa e opinião pública.

### 3.1. A Batalha de Caseros: Buenos Aires x Confederação

O final do governo Rosas tão proclamado por diversos periodistas em Montevídeu e Santiago demorou quase duas décadas para se concretizar. Os opositores do *caudillo* também percorreram outras cidades e publicaram suas ideias em diversos locais na América Hispânica.<sup>1</sup> Mas era o teor das críticas das *plumas* de homens como Sarmiento que incomodavam, de fato, o governante e que contribuiu, numa certa medida, para a queda do poder rosista. O próprio san juanino enfatizou que os sucessivos combates

---

<sup>1</sup> As críticas ao governo Rosas foram publicadas até mesmo na Bolívia por intelectuais como Benjamin Villafañe e Félix Frias no *El Observador* e por Bartolomé Mitre no periódico *La Epoca*.

realizados por diversos intelectuais contra o governo de Buenos Aires contribuíram para desmontar a política “maquiavélica” de Rosas.<sup>2</sup>

O exército de Rosas foi derrotado, em fevereiro de 1852, na batalha de Monte Caseros. A tropa, comandada por José Justo Urquiza, reuniu forças das províncias de Corrientes e Entre Ríos, do Uruguai e do Brasil. A conquista iniciou uma etapa importante para a elite intelectual romântica. Naquele momento, a tarefa primordial era reorganizar a vida política argentina e delimitar os traços culturais que definiriam a identidade nacional.

A vitória favoreceu o estabelecimento de um pacto entre os dirigentes das campanhas sobre a liderança de Urquiza, formando a “Liga dos Governadores”. O Acordo de San Nicolas foi assinado entre as 13 Províncias Unidas da Região do Prata, em maio de 1852. De todas elas, somente Buenos Aires não reconheceu a autoridade do general. Ao romper com a “Liga”, a capital continuou forte por ter o porto e a aduana mais expressivos da Região do Prata. As elites portenhas queriam manter sua soberania. Essa disputa política foi marcada pelo acesso ao poder entre aqueles que pretendiam manter a autonomia provincial e os que queriam utilizar os recursos econômicos da capital para realizar uma unificação nacional. No entanto, seria necessário ainda mais de uma década para que essas rivalidades fossem superadas.

A dissidência sobre as formas de constituir o país já eram visíveis pouco tempo após a vitória de Caseros. Os intelectuais da geração de 1837 dividiram-se, praticamente, em dois grupos. Do lado da “Confederação” estavam Alberdi, Gutiérrez e Vicente Fidel López; na defesa de “Buenos Aires” encontravam-se Sarmiento e Mitre. A rivalidade expressa por esses grupos encontrou nos dois autores seus principais porta-vozes.<sup>3</sup>

Em agosto de 1852, Alberdi fundou, em Valparaíso, o “Clube Constitucional” em franco apoio à Confederação. Dois meses depois, Sarmiento criou, em Santiago, o “Clube Argentina” que apoiava Buenos Aires. Na época, o periodista foi chamado de

---

<sup>2</sup> Na obra “*Campaña en el Ejercito Grande*”, Sarmiento assinala que a imprensa operava pela repetição e pela insistência, exercendo um papel central na derrocada do governo *caudillo*: “Si había, pues, fuerzas materiales con qué resistir, no había espíritu moral, añadiéndose a este desaliento por falta de término probable, el que había infundido por todas partes el resfrío de los odios de partido, con que la prensa había desmontado la política maquiavélica de Rosas.”

<sup>3</sup> Cf. RICUPERO, B., *As Nações do Romantismo Argentino*, p. 246 e 247.

“porteño de San Juan” pela ampla defesa da capital. Ele acreditava que Urquiza não estava disposto a colocar em prática uma política de rápido progresso e lamentava a inclinação do povo argentino para os sucessivos confrontos e guerras civis. Por outro lado, Alberdi dizia que Caseros não favoreceu o surgimento de uma autoridade forte e que essa característica era reforçada por uma literatura facciosa da imprensa diária. Para Alberdi, o jornalismo que se formou contra Rosas continuava a travar a mesma guerra que o caracterizou por tanto tempo.

Logo após a batalha, Sarmiento abandonou a Argentina e regressou para Santiago. O periodista não concordava com o ostracismo a que esteve relegado desde 1850. Outros intelectuais partidários de Buenos Aires como Mitre, Alsina, Veléz Sársfield ficaram na capital para combater o general e exigir a renúncia de López y Planes, nomeado governador pelo vencedor de Caseros.

Como Buenos Aires não aderiu às políticas definidas pelas novas autoridades, Urquiza tentou sitiá-la para diminuir sua força. Nessa mesma época, o Congresso Constituinte estava reunido, em Santa Fé, para discutir a Constituição que foi aprovada em março de 1853. O documento foi reconhecido por todas as províncias, menos pelos portenhos. Uma vez aprovada a Constituição, Urquiza recuou com as tropas e decretou o Paraná como capital provisória da Confederação. No ano seguinte, o general investiu novamente contra a antiga capital e conseguiu a adesão de Buenos Aires. Mas os conflitos não cessaram. Toda essa disputa comercial e política se prolongou até 1861, quando a Confederação foi derrotada na Batalha de Pavón.

O episódio de formação da Constituinte foi duramente criticado por Sarmiento que questionava a quem Urquiza pretendia enganar ao formar um Congresso sem os representantes de várias províncias, inclusive, Buenos Aires. O periodista atacava: “Donde está sus escribientes, sus lacayos para dirigirlo? Mandelo disolver”. O sanjuanino decretava que o general da província de Entre Ríos estaria condenado ao mesmo destino de Rosas.

Las mismas causas producen siempre los mismos efectos, general; no se engañe. (...) Comó disimularse que su vida pública anterior requerirá la indulgencia de la historia? (...) Usted es desde Artiga, Quiroga, Rosas, el que más prisioneros ha degollado (...) Hasta cuándo llevará a toda aquella población a hacer la guerra de exterminio sin recompensa,

sin paga, sin caridad? Es su condado Entre Ríos? Son sus habitantes todos hijos suyos, aunque tenga usted tanto naturales?<sup>4</sup>

Porém, nem sempre Sarmiento esteve do lado político oposto do general. No início de 1851, o periodista abandonou os jornais chilenos para se unir as tropas que lutariam contra o governo de Rosas. Naquele momento, Urquiza concentrava a esperança e representava um caminho para a construção da nação argentina tão clamada pelos intelectuais românticos.

### 3.2. Sarmiento: El Boletínero de la Campaña

O artigo “*Um presente para Rosas*”, publicado no *El Mercurio*, em 1º de abril de 1851, destacava que intelectuais como Sarmiento e Mitre estavam se dirigindo para o Uruguai para integrar as tropas do general Urquiza.<sup>5</sup> O texto assinalava que os dois decidiram trocar a *pluma* pela espada na tentativa de derrubar o governante *caudillo*. Ao acompanhar de perto toda a movimentação das tropas, o periodista conseguiu o material necessário para redigir as severas críticas contra Urquiza na obra *Campaña en el Ejército Grande*. O san juanino escreveu o livro quando esteve no Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis.

A trajetória como periodista no Chile transformou Sarmiento em um homem reconhecido pelas suas habilidades com a escrita, motivo que levou o próprio Urquiza a indicá-lo para relatar a campanha. Ele atuou como “tenente coronel” do Exército, mas, na verdade, a função que mais o marcou foi a de “*boletínero*”, atividade que o eximia de qualquer obrigação militar. O periodista conta que ao tomar parte no que sucedia no Exército, fazia com que suas ideias não se mesclassem mais com os acontecimentos, atuando apenas como um mero espectador dos fatos.

O texto de *Campaña en el Ejército Grande* traz uma série de correspondências trocadas entre Sarmiento e os oficiais durante a campanha. Na obra, o periodista disse que se apresentou ao general José Santos Ramírez para entrar no Exército e que foi o próprio militar que, anos atrás, o havia salvado na província de San Juan, antes dele

<sup>4</sup> PAGLIAI, L., Escribir la Pasión desde el Intelecto In: ALBERDI, J. B.; SARMIENTO, D. F. *La Gran Polémica Nacional – Cartas Quillotanas / Las Ciento y una*, p. 16.

<sup>5</sup> *El Mercurio*: “*Um presente para Rosas*”, 01/04/1851. O artigo não foi assinado.

fugir para o exílio no Chile. Para Sarmiento, durante 20 anos, homens como Ramírez lutaram por uma causa estéril que gerou apenas crimes, perseguições e sangue.

Sarmiento também publicou uma carta de Urquiza, na qual o general fazia um pedido para que o jornalista continuasse a promover uma uniformidade nos princípios para a nova Argentina. De acordo com Urquiza, era necessário falar para todos os homens e povoados. O recado do militar para Sarmiento no final do documento era: “Trabaje y escriba en el sentido que le indico; procure el voto de los pueblos y la acción déjela a mí en esta parte”.<sup>6</sup>

Sarmiento destacava que para combater o tirano Rosas e criar as bases políticas de um povo, a elite intelectual teve que invocar um sentimento de liberdade adormecido, estudar os benefícios da comunicação, estimular o desenvolvimento comercial e a navegação dos rios. O jornalista, mais uma vez, ressaltava que não hesitaria em utilizar a conspiração da palavra e da imprensa contra a ditadura na América e na Argentina. Após a batalha de Caseros, as ideias que permeavam o escritor eram de uma oposição ferrenha e combativa entre civilização e barbárie, a mesma que havia expressado nas páginas de *Facundo*.

Para Sarmiento, os dez anos de combate ao regime rosista não impediram a opinião de se ilustrar. Para isso, foi necessária uma expressiva atuação da imprensa e a garantia dos intelectuais poderem publicar suas ideias e opiniões. Defendia que por essa luta, poderia atuar como um soldado da *pluma* e da espada.

Combato para poder escribir, que escribir es pensar; escribo como medio y arma de combate, que combatir es realizar el pensamiento, y este mi titulado Diario de la Campaña en el Ejército Grande tiene por objeto dar cuenta a mis amigos de los hechos a que se refiere como de las causas que los produjeron, y los resultados que debiera dar y dará el triunfo de Monte Caseros, a que concurrí en mi doble carácter, arrastrando desde el Pacífico al campo de batalla aquella prensa de Chile que continuó fulminando y persiguiendo al tirano hasta las calles de Buenos Aires.<sup>7</sup>

Em *Campaña en el Ejército Grande*, o jornalista também descreveu as dificuldades para imprimir os boletins oficiais. Episódios como a compra de uma “prensa”, em Montevídeu, e os inconvenientes provocados pelo deslocamento do

<sup>6</sup> Carta escrita por José Justo Urquiza para Sarmiento da província de Concepción do Uruguai, em 23 de junho de 1851. Publicada na obra de Domingo F. Sarmiento, *Campaña en el Ejército Grande*, p. 14 (formato digital).

<sup>7</sup> SARMIENTO, D. F., *Campaña en el Ejército Grande*, p 37. (formato digital).

pesado equipamento foram também relatados na obra. A função de “*boletínero*” consistia em imprimir documentos e registrar acontecimentos a pedido do general. Nessa tarefa, Sarmiento contava com a ajuda de quatro impressores. As características desses homens e a comparação do trabalho de impressão com a evolução de um regimento em linha foram descritas pelo próprio autor.

Mis impresores eran una reunión curiosa de hombres. El entintador era un joven austríaco, desterrado de 1848, oficial de caballería y que tocaba el piano y la guitarra admirablemente: el proto era un alsaciano, más bien empresario de imprenta que impresor, muy lleno de pretensiones, a las que yo respondía imperturbablemente con ofrecerle mandarlo a la prevención. A los diez días de marcha mi división de cuatro hombres evolucionaba como un regimiento de línea.<sup>8</sup>

Após a campanha, Sarmiento não tardou em se desiludir com o general da província de Entre Ríos. O san juanino decretava que Urquiza não estava preparado para a posição que pretendia assumir, tinha apenas preocupações de aldeia, que o conduziriam a extravios deploráveis no comando da capital Buenos Aires. Defendia que o general não havia modificado a política do antecessor, Juan Manuel Rosas, e argumentava que o *caudillaje* triunfava, novamente, no território Argentino. Numa carta escrita a Manuel Montt, Sarmiento descreveu as características do general e ressaltou que a batalha apenas mudou o tirano, mas não destruiu a tirania.

Educado el caudillo que ha encabezado la reacción en el fondo de una provincia, gobernado por el sistema de violencias que ha caracterizado la época pasada, viene una posición para que no está preparado, lleno de preocupaciones de aldea, y con resabios del sistema en que se ha criado, que parece lo conducirán a extravíos deplorables.<sup>9</sup>

Sarmiento publicou em *Campaña en el Ejército* a “Carta de Yungay”. Esse foi o ponto de partida para toda a polêmica com Alberdi. De volta ao Chile, ainda em 1852, Sarmiento retomou, exatamente, o seu trabalho numa imprensa de guerra. Dessa vez, o alvo principal era, segundo o autor, um outro *caudillo* que mantinha o mesmo legado de Rosas. Apesar de Sarmiento insistir no papel dos jornais como uma ferramenta de combate, após Caseros, as publicações periódicas experimentaram um crescimento significativo, principalmente, em Buenos Aires. Aos poucos os jornais se distanciavam do perfil de uma escrita que utilizava as palavras como armas, para denegrir inimigos e adversários políticos, característica que marcou a atuação de toda uma geração de periodistas, na década de 1840, na Região do Prata.

<sup>8</sup> Ibid., p. 89 e 90.

<sup>9</sup> MYERS, J., (Prólogo). *La Contudencia Ambivalente: Sarmiento, Republicano, Liberal y Conservador, en la Disputa por la Construcción de la Nación*, p. 27.

### 3.3. Em 1852: “*La prensa*” em Buenos Aires

Com o fim da censura do governo Rosas, o tema da liberdade de imprensa voltou a ser tratado nas páginas de quase todos os periódicos de Buenos Aires. A proliferação de escritos em torno dessa questão alcançou um nível próximo a saturação na imprensa portenha. Nessa época, os debates suscitavam dois aspectos importantes. O primeiro estava relacionado ao papel que a opinião pública desempenharia na legitimação do poder político. O segundo era resultado da convicção de que os jornais representavam a expressão de uma ordem republicana e de uma sociedade civilizada.

O autor Galván Moreno afirma que o renascer da imprensa portenha depois do triunfo de Caseros era mais do que uma manifestação pela liberdade, era resultado das diferentes paixões e interesses políticos que se enfrentavam naquele momento.<sup>10</sup> Os diários ainda eram fortemente partidários, atuavam como verdadeiros orientadores da opinião. Os periodistas, que conseguiam reunir o maior número de leitores a seu favor, conquistavam uma maior representatividade política. Moreno também enfatiza que os jornais eram redigidos pelos intelectuais mais expressivos da época. “*La prensa representativa y seria, redactábanla las mejores cabezas del país; un Mitre, un Sarmiento, un Gutiérrez, un Alsina, un Avellaneda y otros tantos prohombres como ellos, verdaderos exponentes de seriedad, cultura, ilustración y patriotismo*”.<sup>11</sup>

A autora Geneviève Verdo também assinala a explosão da imprensa portenha nesse momento. Para Verdo, o papel desses periódicos era difundir novos valores e práticas liberais e republicanas para a nação e da identidade argentina. “*La prensa a la vez refleja y contribuye a plasmar una vida pública que está se racionalizando: es el espacio donde se expresan la razón, las luces, la cultura, en suma, todo que se asemeja a la civilización*”.<sup>12</sup> Era inegável que a atividade jornalística oferecia material textual para a difusão de ideias e tornava pública as discussões do momento.

O resultado da Batalha de Caseros afetou de forma significativa o panorama editorial de Buenos Aires. Em apenas um ano, apareceram 30 novas publicações. O crescimento da imprensa foi visível na expansão cada vez maior de uma opinião pública

<sup>10</sup> Cf. MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 195.

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 210.

<sup>12</sup> VERDO, G., *Verbete: Civilização na Argentina*.

que precisava se formar. Na época, um dos periódicos mais importantes foi o *El Nacional* que teve como redatores Vélez Sársfield e Palemón Huergo. A primeira edição trouxe o artigo “*Apóstrofe al Tirano*”, destacando que Rosas gravou nas páginas da história exemplos de terror e de opressão. Sársfield declarava que o órgão de imprensa foi criado para contribuir com a organização da nova República, uma tarefa que seria empreendida pelo general Urquiza e seus seguidores. No periódico, foram publicados *Bases* de Alberdi e a carta que Sarmiento escreveu em Yungay contra Urquiza. Nesse momento, já estava anunciada a rivalidade entre Buenos Aires e a “Liga dos governadores” do interior.

O *El Nacional* durou mais de quarenta anos, essa característica representa uma mudança significativa no perfil da imprensa naquele momento. Aos poucos, as páginas periódicas abandonavam um caráter panfletário de curta duração que tinham o objetivo de discutir apenas a paixão política do momento. Os jornais passaram a aprofundar com uma regularidade cada vez maior os temas que estavam em debate na sociedade, viabilizando a formação dos indivíduos e a consolidação da opinião pública.<sup>13</sup>

Nesse momento, outro jornal expressivo de Buenos Aires foi o *Los Debates*. O periódico discutiu em diversas páginas a função do jornalismo e o tema da liberdade de imprensa. Os redatores Bartolomé Mitre e Juan Carlos Gomez assinalavam que cada época tinha uma paixão e a daquele momento era representada pela luta em nome do desenvolvimento social. A primeira edição trouxe o artigo “*Profesión de fé*”, escrito por Bartolomé Mitre, que exaltava o compromisso do jornalista frente às novas disputas políticas que marcavam o território argentino. O texto ressaltava que a imprensa era a ferramenta necessária para o debate público e o progresso da nação:

La prensa ha salido del dominio de la legislación, ha dejado de ser un derecho político, y se ha convertido en una nueva facultad, en un nuevo sentido, en una nueva fuerza orgánica del género humano, su única palanca para obrar sobre sí mismo. (...) El escritor publico es el gladiador generoso del pensamiento, que escribe día por día, a la faz de todo un pueblo y sobre la arena sangrenta del periodismo, las paginas calurosas que hacen vibrar de entusiasmo el corazón de las masas.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Galvan Moreno assinala que o *El Nacional* ocupa um lugar predominante na história do jornalismo argentino. Segundo o autor, o periódico durou mais de quatro décadas, foi o primeiro a sair em duas edições e representa uma documentação importante que ilustra a história do país durante a segunda metade do século XIX. Para ver mais: MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 194.

<sup>14</sup> *El Nacional*: “*Profesión de fé*”, 01/04/1852.

Para Mitre, os jornalistas eram escritores do cotidiano e atuavam como verdadeiros “*gladiadores del pensamiento*”. Os redatores de *Los Debates* afirmavam também que o papel do jornal era discutir uma organização nacional por meio do Congresso; indicar os compromissos da liberdade de imprensa, tendo como limite a inviolabilidade da vida privada; e lutar pelo direito de reunião, que representava não apenas a possibilidade de expressar livremente ideias e pensamentos em público, mas também de poder publicá-los, sem uma censura prévia à palavra escrita.

Em outro artigo “*La Trinidad Democrática*”, os redatores voltaram a exaltar o papel da imprensa como um elemento determinante para a reorganização da Argentina e a construção da identidade nacional. De acordo com o texto, havia três instituições que reforçavam a República: a eleição livre, a guarda nacional e a liberdade de imprensa. Mitre e Gomez defendiam nas páginas do *El Nacional* que a queda de Rosas mostrava o triunfo da inteligência sobre a força bruta e a preponderância das ideias sobre os fatos. Acreditavam que a dissidência de opiniões era a essência dos povos livres; uma condição essencial para a vida e o progresso. Para os autores, somente em governos como o de Rosas existia a unanimidade de opiniões. Os redatores diziam que dedicavam sua *pluma* a causa da liberdade e a um plano de governo que era resultado da experiência e da reflexão de uma elite intelectual que, mesmo do exílio, manteve seus olhos fixos nos problemas e nos dilemas enfrentados pela pátria argentina.

Por ahora carecemos de tiempo y espacio para desenvolver los puntos capitales que se han indicado en nuestra profesión, trazados a grandes rasgos. Su explicación será objeto de nuestras ulteriores tareas. Suceda lo que suceda, desde hoy consagramos nuestra pluma y nuestra inteligencia a la libertad, como la antes hemos consagrado nuestra espada. Al lanzar diariamente nuestras ideas en ese tonel de las Danaides, que se llama la prensa periódica, imitaremos, valiéndonos de la imagen de un gran escritor, al que deshoja una flor al borde de un torrente, y la ve arrastrada por el ímpetu de las aguas que la roba de su vista, y la lleva tal vez a la llejanas playas, donde una simiente perdida puede ser el germen de otra flor más vigorosa y más fragante.<sup>15</sup>

Partidários da política que defendia Buenos Aires, Mitre e Gómez começaram a criticar as medidas estabelecidas por Urquiza. Dois meses depois, o comandante mandou fechar a empresa que publicava o periódico.

<sup>15</sup> *Los Debates*: “*Libertad y justicia*”, 01/04/1852. O dicionário da Real Academia Espanhola assinala que na mitologia grega, as **Danaides** representavam as 50 filhas do deus Danao. Elas foram obrigadas a se casar pelo seu pai e mataram seus maridos na noite do casamento. Por esse motivo, foram condenadas no Hades a encher para eternidade de água um tonel furado. Essa imagem da mitologia retrata o papel de uma imprensa que nunca cessava com seus debates e que proporcionaria em algum momento uma ação positiva para a realidade política na Argentina.

Nesse cenário de luta imediata entre o vencedor de Caseros e os homens mais expressivos de Buenos Aires, também apareceram publicações como *El Progreso* argentino que funcionava como um diário do governo e era composto, principalmente, de documentos oficiais. Trazia como epígrafe a frase: “*Viva la Confederación Argentina*”. E outras com um conteúdo mais crítico às novas autoridades da Confederação como: *La Avispa* e *El Torito*, produzidas pelo espanhol Manuel Toro.

Outro periódico crítico ao novo governo foi *El Padre Castañeda*, publicado entre março e maio de 1852. Teve como redatores Eusébio Ocampo, Benjamín Victorica e Navarro Viola e simulava ser escrito pelo próprio Padre Castañeda, periodista argentino na década de 1820. O jornal atuava como opositor à Confederação e exaltava a liberdade de imprensa, decretando nas suas páginas: “La vida de mi paternidad, depende de la duración de la libertad”.<sup>16</sup>

Nesse período, também merecem destaque o jornal *La Reforma Política* que defendia a união dos partidos políticos, através da tolerância e não da guerra; e o *La Prensa* que se dedicava a atacar, exclusivamente, Sarmiento, cujas atitudes sempre procurava ridicularizar. Os textos utilizavam como pseudônimo “El periodista”, numa clara alusão ao san juanino, e até um artigo com o título *Sarmientada* foi publicado.<sup>17</sup>

Nessa época, muitas empresas jornalísticas dependiam do apoio de partidos ou governos. A subordinação das publicações periódicas às regras do jogo político se tornou uma preocupação constante ao longo do século XIX. Essa realidade foi traduzida nas sanções de inúmeras leis e dispositivos sobre o que era permitido, ou não, ser publicado pela imprensa. Uma análise sobre o alcance dessa liberdade pode nos auxiliar a revelar o que homens, como Sarmiento e Alberdi, proclamaram contra ou favor das páginas impressas e da opinião pública.

Nesse cenário, o termo “*Gladiadores del pensamiento*”, criado por Mitre, consegue sintetizar não apenas a guerra de palavras travada entre Alberdi e Sarmiento na polêmica sobre a imprensa, mas destaca também o papel essencial que os dois desempenharam na época. Era cada vez mais visível que o debate político saía das

---

<sup>16</sup> MORENO. G., *El Periodismo Argentino*, p. 197.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 200.

esferas restritas, das associações e dos clubes fechados; conquistava as ruas e as províncias. A opinião pública crescia e se formava.<sup>18</sup>

### 3.4. “¿Qué libertad de imprenta?”

Logo após o confronto de Caseros, foi formada uma Junta Provisória, na capital portenha, com homens de prestígio do Partido Unitário que retornaram do exílio. O cargo de governador da Junta ficou sob o comando de Vicente López y Planes, nomeado pelo próprio general Urquiza. Diante das fortes disputas entre a Confederação e Buenos Aires, a lei de imprensa esteve, novamente, sujeita à novas sanções e até mesmo sob ameaça de uma regulamentação mais severa.

Uma das primeiras medidas da Junta foi suspender o decreto sobre liberdade de imprensa de 1832, outorgado por Rosas e que foi denominado popularmente, como “lei mordaza”. O governante *caudillo* ao querer controlar o conteúdo do que era publicado nos jornais anulou o decreto de 1828. A lei de Rosas, em 1832, inviabilizou a realização de qualquer crítica ao governo, estabelecendo a fixação de pesadas multas e a possibilidade de prisão e exílio para os editores que fossem opositores da política vigente. Para contornar esse cenário, as novas autoridades aboliram a medida de 1832 e reestabeleceram a anterior. A medida, firmada em 28 de fevereiro de 1852, declarava que o objetivo era restituir aos cidadãos os seus direitos legítimos através da liberdade de opinião:

Con el propósito de hacer cesar estas monstruosidades que han durado 20 años; para restituir al ciudadano el goce legítimo de sus derechos y para asegurar al extranjero el de aquellas franquicias que, no siendo nocivas, es un absurdo el negarlas, el gobierno provisorio ha acordado y decreta: Art. 1º - Queda abolido el decreto de 1º de febrero de 1832 y restablecida en su totalidad la ley de 8 de mayo de 1828, única disposición que regirá por ahora en la materia. Art. 2º - Queda no obstante subsistente por ahora la obligación impuesta a los impresores en el artículo 5º de dicho decreto, de pasar al Archivo del Gobierno, para los objetos en él expresados, cuatro ejemplares gratis de cada numero de periódico. 3º Publíquese, comuníquese, dése al Registro oficial.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Cf. LETTIERE, A., *La Construcción de la República de la Opinión*. Buenos Aires Frente al Interior en la Década de 1850, p. 259.

<sup>19</sup> BELTRÁN, R. O., *Historia del Periodismo Argentino. Pensamiento y Obra de los Forjadores de la Patria*, p 226.

Com o retorno do decreto de 1828, novas impressas foram inauguradas e um jurado foi selecionado para averiguar as acusações de calúnias publicadas em periódicos. A adoção dessa lei foi um gesto político significativo que pôs fim à uma medida opressiva do rosismo. Porém, os jornais mostravam que a exaltação das paixões políticas nas páginas impressas, diante de uma realidade de total liberdade, poderia despertar os ânimos da população e ser uma ameaça para a tranquilidade pública.

Dejad abiertas las puertas de la prensa a todo el mundo en situación como esta y tendréis por cierto muchos diarios, muchos lectores, muchas cosas graciosas y picantes, pero poco tiempo de tranquilidad pública y pocas esperanzas de una paz constitucional”.<sup>20</sup>

Em maio de 1852, o governador López solicitou à Sala dos Representantes um pedido formal de acusação sobre abusos da liberdade de imprensa para os editores de publicações que atacavam as medidas da Confederação como *El Padre Castañeda*, *La Avispa* e *El Torito*. López mandou fechar esses jornais porque os considerava como resultados de “malas pasiones y de la perversidad, receptáculo de calumnias anónimas y que, lejos de contribuir a la ilustración del pueblo, lo desmoralizan”.<sup>21</sup>

A Constituição de 1853 continuou a garantir o direito de qualquer cidadão de publicar suas ideias através da imprensa sem uma severa censura prévia. Mas o aumento da animosidade entre as províncias e a capital levou a um novo decreto. Em 1857, o governador Valetín Alsina argumentava que a imprensa deveria se submeter a uma justiça ordinária. As calúnias seriam analisadas por fiscais do estado que poderiam julgá-las pelas leis civis ou criminais. Galván Moreno assinala que essa lei foi imposta pelas circunstâncias do momento, uma vez que, as árduas discussões públicas sobre a segregação de Buenos Aires faziam os órgãos jornalísticos apelar para a injúria com o intuito de atacar seus adver-sários.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> *El Progreso. Diálogo Gobernativo*, n. 31. Buenos Aires, 11/05/1852.

<sup>21</sup> Sala de Representantes da província de Buenos Aires: Diálogo de Sesiones. 15/05/1852. Referência: LETTIERE, A., *La Construcción de la República de la Opinión*. Buenos Aires Frente al Interior en la Década de 1850, p. 270.

<sup>22</sup> Essa lei foi considerada pelo advogado e político Aristóbulo del Valle como de “reação e de partido”. No Diálogo de Sessão do Senado, de 1886, ele afirmou que o decreto produziu frutos naquele momento, mas que a consciência pública obrou contra ele e, em pouco tempo, a lei caiu em desuso. Na mesma sessão, Del Valle também ressaltou o papel de uma imprensa política ao assinalar: “La prensa política es un elemento de gobierno; es también un arma de combate; y es, sobre todo, el auxiliar más eficiente en los pueblos representativos para alcanzar el poder y para conservarlo.” Para ver mais: MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 246 a 255.

A lei de imprensa voltou a ser discutida na reforma da Constituição em 1860. Dessa vez, uma Comissão formada por Sarmiento, Mitre e Vélez Sársfield suspendeu qualquer decreto que restringisse a liberdade de opinião. O tema foi tratado na Sessão de 1º de maio, na qual, Sársfield defendeu que os periódicos deviam estar sujeitos aos povoados que faziam uso da imprensa. Declarou também que o abuso dessa liberdade nunca poderia ser considerado um delito nacional. Para concluir afirmava: “Sin la absoluta libertad de imprenta no se puede crear hoy el gran poder que gobierna a los pueblos y dirige a los gobernantes”.<sup>23</sup> Assim, Veléz assinalava o papel de uma opinião pública que se formava cada vez mais.

Sarmiento fez referência ao termo “opinião pública” em diversos escritos. Muitas vezes, ele utilizou a expressão para assinalar o papel desempenhado pela elite intelectual naquele momento. O periodista acreditava que a opinião era formada pelos próprios homens de letras, por aqueles que combatiam nos periódicos os caminhos, os erros e os acertos para a consolidação da República Argentina. Esse dever foi assinalado na obra “*Campaña en el Ejército Grande*” quando Sarmiento escreveu: “Es tarea de los escritores, a quienes incumbe ilustrar, dirigir, y hasta crear la opinión pública”.<sup>24</sup>

Porém, o san juanino também destacou que a “opinião pública” significava a expressão de um sentimento profundo das massas, dos povoados e das cidades, que eram representados pelos intelectuais que utilizaram a imprensa como um mecanismo para difundir cada vez mais seus pensamentos. No entanto, em muitos momentos, essa opinião esteve dividida e representou os anseios de apenas uma pequena parcela da população, a própria elite letrada. O uso do termo “opinião pública” era recorrente nos textos de todos os intelectuais românticos argentinos, a expressão se repetia cada vez mais nos discursos, auxiliando na consolidação de uma nova identidade nacional e no papel central na legitimação da cena política. Todos esses homens, desde os seus escritos no exílio até o período posterior a batalha de Caseros, formaram uma “comunidade do discurso”, no mesmo sentido definido por Pocock. A tarefa diária deles era proclamar, através da imprensa, uma série de discursos e linguagens entrelaçadas para ilustrar essa “opinião”.

---

<sup>23</sup> MORENO, G., *El Periodismo Argentino*, p. 246.

<sup>24</sup> Carta de José Maria Paz para Sarmiento com a data de 25 de junho de 1851. Foi publicada na obra *Campaña en el Ejército Grande*. A referência da obra no formato digital, p. 16 e 17.

A imprensa surgia, dessa forma, como uma das principais tribunas para a formação da opinião pública portenha. Por esse motivo, o caráter incendiário e fortemente crítico de algumas publicações somente reforçava para muitos intelectuais a necessidade de uma certa regulamentação sobre a atividade jornalística. Os periódicos afetavam, diretamente, a ação dos grupos políticos, independente dos interesses que defendiam, fossem eles da Confederação, ou de Buenos Aires.

Nesse momento, a dinâmica política que se estabeleceu na Argentina não proporcionou um ambiente favorável para a plena vigência da liberdade de imprensa. No entanto, o tema continuava a ser um elemento central do universo ideológico das elites intelectuais. Era visível que essa liberdade se apresentava como um valor que estava preso aos interesses políticas.

Um dos argumentos mais expressivos sobre o papel dos jornais e a função da liberdade de imprensa foi apresentado por Alberdi. Para ele, era necessário compreender “qué pedía antes la política a la prensa, y qué le pide hoy desde la caída de Rosas”. Para Alberdi, a liberdade de imprensa se tornou um direito, mas essa garantia deveria estar comprometida em ilustrar a sociedade e não incentivar o confronto e a guerra civil.

Una ley de 1810 proclamó el principio de la libertad de prensa; pero fue entendido que ese principio no sería empleado contra la Revolución de Mayo y la defensa de los opositores españoles a la nueva autoridad patria. El abuso de la libertad fue declarado crimen; y se declaró abusivo todo escrito que comprometiese la tranquilidad o la constitución del Estado. En una palabra, la prensa sólo fue libre para defender la Revolución de Mayo. He ahí la única prensa que hará posible la creación de la autoridad en la situación presente de la República Argentina: la prensa que tiene poder para ilustrar á la sociedad, pero no para destruirla y ensangrentarla.<sup>25</sup>

O trecho representa uma síntese do argumento que Alberdi insistiria durante toda a polêmica com Sarmiento, ao proclamar uma imprensa para a paz. A trajetória intelectual do autor de *Bases* foi diferente da traçada pelo escritor san juanino, apesar de terem sido companheiros de exílio e lutarem juntos nos periódicos para derrubar Rosas. Mesmo com uma atuação expressiva em importantes publicações na época, ele não se intitulava periodista como o próprio Sarmiento.

---

<sup>25</sup> ALBERDI, J. B., *Elementos de Derecho Público Provincial de la República Argentina*.

### 3.5. Alberdi: “no es periodista, sino abogado”<sup>26</sup>

Juan Bautista Alberdi nasceu na província de Tucumán e cresceu numa família que teve uma importante atuação para levar os ideais da Revolução de maio de 1810 para o interior do território argentino. Desde a infância, Alberdi conviveu em uma casa com muitos livros. Em 1824, veio pela primeira vez para Buenos Aires com um bolsa de estudos para o “Colégio de Ciências Morales”. Viveu durante anos na capital portenha, mas a realidade da sua província natal teria uma enorme influência na formação intelectual do tucumano.

Alberdi participou da inauguração do Salão Literário de Buenos Aires e foi redator da primeira publicação da geração romântica, o periódico *La Moda*. Na capital, teve uma expressiva atuação como integrante do movimento, o cenário de censura e os abusos de poder do governo Rosas, levaram o jovem também para o exílio.

Em Montevideu, Alberdi foi o único representante da geração que procurou estabelecer uma aproximação com antigos líderes do partido unitário. Porém, os pontos de vista extremamente diferentes, a falta de conhecimento dos problemas das províncias e o enfoque exclusivamente sobre a realidade de Buenos Aires, foram algumas das questões que provocaram um desentendimento entre Alberdi e os unitários exilados. Ele deixou Montevideu, acreditando que a população hispânica não conseguiria assimilar os padrões do progresso europeu e estava condenada cada vez mais a estruturas de governo herdadas de um passado colonial espanhol.

O jovem de Tucumán chegou no Chile, em abril de 1844. O primeiro trabalho foi, exatamente, como correspondente de um jornal, o *El Mercurio* de Valparaíso. Em pouco tempo, ele conseguiu cumprir os requisitos necessários para exercer a função de advogado e, por um breve período, assumiu o posto de secretário da Intendência de Concepción. Em Valparaíso, abriu um escritório de advocacia que teve muito sucesso na época. Um dos principais clientes foi o empresário americano William Wheelwright, responsável pela construção de várias linhas férreas em toda a América do Sul. Apesar

---

<sup>26</sup> A sentença de que Alberdi não era jornalista e sim advogado foi apresentada por Sarmiento na primeira carta de *Las Ciento y Una*. O autor de San Juan respondeu ao tucumano com o seguinte trecho: “Soy yo, periodista de la prensa guerrera, y usted que escribe hoy periódicos sometidos a disciplina, no es periodista sino abogado. Usted nada en riquezas, en medios independientes de vivir, otros viven de sueldos de periodistas.”

do trabalho como advogado, Alberdi não deixou de publicar vários artigos nos jornais locais. O relato dessa experiência de viver longe da sua pátria foi relatada pelo próprio advogado:

La emigración ha absorbido mi vida. Pero ¿Qué ha sido para mí la emigración? A los trabajos y ocupaciones de mi vida, pasada en el extranjero, toca dar la respuesta. Ellos dicen que nunca he estado más presente en mi país que cuando he vivido en él. (...) En el extranjero, el patriotismo se desnuda de todo elemento ‘chauvin’ y de todo color y olor local. Pero la ausencia lo eleva y purifica. La patria es vista con menos preocupación y desde un punto más elevado y general.<sup>27</sup>

Mesmo distante, a análise e a preocupação com a realidade americana e argentina foram temas permanentes ao longo da trajetória intelectual de Alberdi. Durante algum tempo, o tucumano defendeu que o apoio a líderes fortes poderiam manter a ordem e a estabilidade constitucional para a sociedade, mas essa perspectiva foi suplantada por outra que ele acreditava ser fundamental a de um “transplante vital” de hábitos e costumes para a sociedade. Ele entendia que o imigrante vindo da Europa poderia trazer benefícios imediatos para o deserto argentino e resolver os dilemas e conflitos que se encontravam nas províncias. Para o jovem de Tucumán, era necessário estabelecer as bases de uma ordem material. Ele exaltava que a indústria deveria surgir para incentivar a produção e os transportes. A política econômica era o pilar que sustentaria o progresso material de um povo.

A perspectiva defendida por Alberdi criticava diretamente os argumentos sobre da educação pública de Sarmiento. O periodista de San Juan defendia que instituições como a imprensa e as escolas primárias eram agentes transformadores do progresso e possibilitariam a elevação cultural das massas. Por outro lado, Alberdi apontava que a contribuição social do jornalismo resultava cada vez mais questionável: “Rousseau decía que los médicos hacen las enfermedades; quién sabe hasta qué grado no sea cierto que los publicistas hacen las comociones”.<sup>28</sup> Sem dúvida, o teor dessas críticas sobre o papel da imprensa já era uma antecipação do embate que seria travado pelos dois na polêmica de 1853.

<sup>27</sup> TORRE, C., P., Alberdi Y Tucumán. In: *Homenaje a Juan Bautista Alberdi*. De La Academia de Derecho y Ciencias Sociales de Córdoba.

<sup>28</sup> KATRA, W. H., *La Generación de 1837*, p. 144, cita Alberdi: *Biografía del general Don Manuel Bulnes, Presidente de La República de Chile* (1846), p. 372.

O autor Natalio Botana destaca que o pensamento de Alberdi, após Caseros, era defender uma sociedade que mesclaria a civilização do indivíduo e das coisas. A ordem seria estabelecida pelo exercício espontâneo da liberdade, integrado aos avanços provocados pelo crescimento do sistema de transportes e pelo avanço da indústria, resultados diretos de uma política de incentivo ao progresso material:

Por momentos el protagonista de la sociedad alberdiana es el individuo sin trabas ni impedimentos, sujeto exclusivo de la libertad; en otro instante, esa definición abstracta se desdobra en el habitante extranjero que carga en su alforja de inmigrante las cosas vivas de una civilización.<sup>29</sup>

A primeira edição de *Bases y Puntos de Partida para la Organización Política de la República Argentina* foi finalizada, em Valparaíso, no dia 1º de maio de 1852, mesma data do pronunciamento de Urquiza contra Rosas. Alberdi enviou cópias da obra para o próprio general e para intelectuais como Cané, Gutiérrez e Frías. A importância do livro foi reconhecida de imediato. Diversos trechos foram publicados em periódicos como *El Constitucional de los Andes de Mendoza*; *El Nacional* e *El Progreso* de Buenos Aires. *Bases* foi o ponto de partida para a Comissão Especial que sancionou a Constituição de 1853.

Muitos historiadores se debruçaram sobre o teor do livro e analisaram de forma extensiva o pensamento do autor e seu impacto na realidade daquele momento. Mais do que detalhar o conteúdo da obra, pretendo apenas assinalar as breves características da publicação que teve uma influência determinante no cenário e antecedeu toda a polêmica travada por Alberdi e Sarmiento.

*Bases* apresenta uma fórmula constitucional para superar anos de desunião e guerra civil entre as províncias argentinas. Botana assinala que o texto de Alberdi tinha o que era permanente e necessário para a nova nação. Reunia o estabelecimento da ordem, dos direitos, das garantias e dos regimes de governo, que deveria ser representado por uma civilização em direção ao poder e o progresso. O escritor de Tucumán combinava individualidade com a generalidade, conciliava as liberdades das províncias com as prerrogativas de toda a nação, oferecendo um projeto de transformação institucional, política e cultural. Para Botana, Alberdi defendia uma “missão essencialmente econômica” com a nova Constituição. A tarefa da geração

---

<sup>29</sup> BOTANA, R. N., *La Tradición Republicana. Alberdi, Sarmiento y las Ideas Políticas de su Tiempo*, p. 309.

romântica era promover o desenvolvimento dos recursos materiais e produtivos do novo país. “Hoy debemos constituirnos, si no es permitido este lenguaje, para tener población, para tener caminos de hierro, para ver navegados nuestros ríos, para ver opulentos y ricos nuestros Estados”.<sup>30</sup>

Alberdi destacava que grande parte da população carecia da racionalidade e formação necessária para transformar sua própria realidade. Uma crença diferente da defendida por Sarmiento que apostava na educação pública e na imprensa como fatores essenciais para o progresso.<sup>31</sup> Mesmo com as divergências do pensamento de Alberdi, o san juanino recebeu com um certo entusiasmo a publicação do advogado. Afirmou que a Constituição proposta pelo tucumano poderia se tornar a bandeira da República Argentina. Ao comentar sobre o livro, a ironia da *pluma* de Sarmiento já indicava o forte teor das críticas com que atacaria a Urquiza. Afirmava que o general poderia não perdoar o advogado, por ter produzido um documento que lhe traria uma grande notoriedade no momento.

Es posible que su Constitución sea adoptada: es posible que sea truncada, alterada; pero los pueblos por lo suprimido o alterado verán el espíritu que dirige las supresiones. Su libro, pues, va a ser el Decálogo Argentino; y salvo la supresión del párrafo indicado, la bandera de todos los hombres de corazón. (...) Por estas razones, por la inmensa notoriedad que le dará a Vd. y por el talento y principios que revela, temo que el general Urquiza no se lo perdone a Vd. A mí me tiene en cuenta Argirópolis, del cual jamás me habló ni para decir lo he visto... Vd. ha hecho peor: ha dictado una constitución y dejado frustradas las pretensiones candorosas a la originalidad y absorción de toda iniciativa.<sup>32</sup>

Apesar da disputa que se realizaria entre os dois, as orientações e as perspectivas sobre o futuro do país de ambos autores seriam notoriamente similares. Todo esse jogo de discursos pode ser observado nos textos das *Cartas Quillotanas* e de *Las Ciento y Una*.

<sup>30</sup> BOTANA, R. N., *La Tradición Republicana. Alberdi, Sarmiento y las Ideas Políticas de su Tiempo*, cita Alberdi, p. 310.

<sup>31</sup> Cf. GOLDMAN, N.; PASINO, A. *Opinión Pública*, cita Alberdi, p. 111.

<sup>32</sup> O trecho foi citado no artigo: *La querrela* de Alberdi con Sarmiento por Ariel Alvarez Gardiol. Edição em homenagem a Juan Bautista Alberdi – Sesquicentenario de Las Bases (1852-2002). Academia Nacional de Derecho e Ciencias Sociales de Córdoba.

### 3.6. Uma imprensa para a guerra e para a paz

A forte rivalidade entre Alberdi e Sarmiento foi um elemento central da polêmica. Os dois autores buscaram em argumentos históricos e nos seus próprios escritos justificativas para censurar e reprovar um ao outro. O objetivo principal era assinalar as fraquezas do seu adversário como interlocutor, frente a um cenário marcado pela novidade e pela esperança, mas também pela incerteza e por fortes disputas políticas.

O choque entre Alberdi e Sarmiento foi resultado do desejo de cada um assumir um compromisso notável com o seu próprio país. Os escritores insistiram em viver no Chile depois de 1852. Mesmo com a distância, eles continuaram a produzir textos que exerceram uma importante influência sobre o rumos da política Argentina. Alberdi se converteu no conselheiro de confiança de Urquiza e Sarmiento apareceu como o inimigo mais enfático do líder militar.<sup>33</sup>

A autora Lucila Pagliai no prefácio de *La gran polémica nacional* destaca que a permanência de Alberdi no Chile durante os momentos cruciais da batalha de Caseros e o apoio à política de Urquiza, foram encarados por Sarmiento como um desagrado explícito. O periodista de San Juan justificou na dedicatória da Carta de Yungay, que Alberdi não tinha o real conhecimento dos fatos, por não ter acompanhado diretamente os acontecimentos durante a campanha como ele.<sup>34</sup> Por outro lado, Alberdi dizia que Sarmiento era um político ambicioso, um periodista soberbo sem nenhuma formação e que realizava seus ataques nos espaços que conseguia na imprensa.<sup>35</sup>

Sarmiento viu o seu desejo de obter uma posição de liderança na batalha militar sob as ordens de Urquiza ser frustrado. Sentiu-se desiludido quando o general disse que não tinha interesse em prolongar o triunfo de Caseros com uma campanha militar contra os defensores de Rosas nas províncias do interior. Para Sarmiento, não haveria

<sup>33</sup> Cf. KATRA, W. H., *La Generación de 1837*, p. 199.

<sup>34</sup> Em 1847, depois que regressou da viagem pelos Estados Unidos e Europa, Sarmiento retomou imediatamente as suas atividades como periodista. Nessa época, casou-se e foi morar numa casa confortável na cidade de Yungay, nos arredores de Santiago. Nesse local, escreveu algumas das suas obras mais expressivas, após *Facundo: De la Educación Comum* (1849), *Recuerdos de Provincia* (1850), *Argirópolis* (1850) e *Campaña en el Ejército Grande* (1852). Por esse motivo, a dedicatória realizada para Alberdi, recebeu o título de Carta de Yungay.

<sup>35</sup> Cf. PAGLIAI, L. *Escribir la Pasión desde el Intelecto*.

progresso enquanto os resquícios da política rosista e da barbárie permanecessem no território argentino. Ele defendia que não seria possível alcançar a civilização idealizada sem erradicação total da ordem dos *caudillos*. Ele acreditava que somente com a destruição das instituições do passado colonial ressurgiria uma nova sociedade.

William Ktra resalta que para Sarmiento não era possível a convivência entre os *caudillos* federais e os apóstolos civilizados em uma sociedade urbana educada. O periodista estava convencido de que o próximo capítulo da história da Argentina seria marcado pela luta da civilização contra a barbárie.<sup>36</sup> Por outro lado, Alberdi defendia que era necessário preservar o poder latente das províncias e não somente destruí-lo. O advogado insistia em apoiar a paz e a conciliação da Confederação proposta pelos líderes federais.

Pagliai assinala que havia um tom de guerra declarada nos escritos dos dois autores. Ela afirma que ambos dominavam a prática do ensaio e utilizavam com eficácia os recursos de discurso para convencer e argumentar, transitando entre o que era o verdadeiro e verossímil, ao mesmo tempo que não podiam dizer a verdade.<sup>37</sup>

Sarmiento va a hablar de política de Urquiza y lo quiere a Alberdi como interlocutor: lo desafía, lo escarnece y espera satisfecho después de la Campaña. Alberdi, en silencio, se pertrecha y decide la estrategia de su discurso: tomará los agravios como si fuera un tema secundario, dirá que responde para defender la política de Urquiza (que es la suya desde la Joven Generación de Mayo) y para ello, además, tendrá de hablar sobre las condiciones y circunstancias del atacante.<sup>38</sup>

A dedicatória escrita por Sarmiento, de fato, desafiava Alberdi. O periodista esperava uma resposta direta do advogado e iniciou assim uma polêmica que discutiu em essência a cena política na Argentina, mas falou, principalmente, da imprensa:

Usted que tanto habla de la política en la práctica, para justificar enormidades que repugnan al buen sentido, escuche primero la narración de los hechos prácticos, y después de leídas estas paginas, llámame detractor y lo que guste (...) En la prensa y en la guerra, usted sabe en qué filas se me ha de encontrar siempre.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Cf. KATRA, W. H., *La Generación de 1837*, p. 206.

<sup>37</sup> Posterior a obra *Complicidad de la Prensa en las Guerras Civiles Argentinas*, Alberdi também escreveu uma sexta carta que não foi publicada e é considerada inédita. O conteúdo do documento aborda a educação de Sarmiento e apresenta o seguinte índice: “Carta Quillotana Inédita. Noticia de los estudios que no ha hecho y de la educación que no ha recibido el escritor y pedagogo Domingo Faustino Sarmiento”. Referência: *Escritos Póstumos*. Tomo XII. Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

<sup>38</sup> PAGLIAI, L., *Escribir la Pasión desde el Intelecto*, p. 25.

<sup>39</sup> SARMIENTO. D. F., *Campaña en el Ejército Grande*, p.43. (formato digital).

Nesses escritos, podemos observar uma reflexão detalhada sobre o papel das publicações periódicas. Uma investigação sobre esse conjunto de textos elucidam não apenas as rivalidades que contribuíram para a construção de um discurso eloquente e agressivo entre os dois, mas permite também compreender todo um momento histórico e a influência direta das folhas impressas na realidade. A questão da imprensa esteve presente em todas as cartas, a inclinação para a guerra ou para a paz dos jornais era um fator determinante, segundo os autores, na construção da nova Argentina.

Logo após a dedicatória de Sarmiento, Alberdi escreveu para Félix Frias uma carta em dezembro de 1852. No documento, afirmou que o seu trabalho mostrava o periodista de san juan como um obstáculo à nova ordem e não como um soldado útil:

[Sarmiento] me ha dedicado una publicación baja y loca, que él llama su Campaña en el Ejército grande, y me dirige insultos que me han decidido a no repetírseles sino a estudiar-lo a él, con respeto y dignidad, en sus obras anteriores y presentes, en su tendencia nueva. Pronto le enviaré ese trabajo, en que voy a destruir a él, un obstáculo a todo orden, no un soldado útil.<sup>40</sup>

Na Carta de Yungay, o cenário argentino descrito por Sarmiento e a imagem do general Urquiza eram brutais. Para o escritor san juanino, a questão daquele momento não era mais entre unitários e federais, mas apenas entre os amigos domésticos e os amigos honrados que o general insistia em escutar. Sarmiento relatou com minúcia os erros políticos que atribuía a Urquiza antes e depois de Caseros. Argumentava que as ideias renovadoras que o militar postulava como Congresso, liberdade e livre navegação já estavam presentes em seus escritos como *Argirópolis* e *Facundo*.

Nas *Cartas Quillotanas*, Alberdi destacou o papel de Sarmiento como periodista e analisou algumas características de obras como *Facundo*, *Argirópolis* e *La Campaña*. No primeiro texto, Alberdi assinalou para os leitores que eles precisavam tomar conhecimento da dedicatória escrita por Sarmiento para compreender o que motivou a presente publicação. O teor da resposta do autor de *Bases* foi discutir os desafios da imprensa após a batalha de Caseros. Ele argumentou que durante dez anos a política argentina pediu aos jornalistas uma só tarefa: guerra ao tirano Rosas. Essa exigência de combate foi uma função desempenhada por muitos intelectuais da geração de 1837 e Sarmiento foi um desses homens, mas não era o único. O problema dessa experiência

<sup>40</sup> KATRA, W. H., *La Generación de 1837*, cita Alberdi, p. 207.

foi que muitos escritores, como o periodista de San Juan, só aprenderam a guerrear nas páginas impressas.

Alberdi respondeu para Sarmiento que uma imprensa de combate na década de 1820 permitiu a elevação de Rosas ao poder e a concretização de um despotismo que durou vinte anos. O autor de *Bases* declarava que o san juanino pretendia empreender o mesmo erro dos periodistas daquela época, que lançaram publicações como *El Pampero* e *El Granizo*, que tinham como redatores integrantes do partido unitário.<sup>41</sup> Para Alberdi, esses jornais eram imitações periodísticas da imprensa francesa do tempo de Marat e tinham como inspiração um ardor patriótico cego, pueril e impaciente.<sup>42</sup> Afirmava que o único meio de vencer o deserto, os homens, as causas e as coisas; era através da imigração e da indústria. Uma imprensa de paz era a ferramenta para debater o que era vital para o território argentino.

As publicações não careciam mais de uma polêmica com o objetivo de atacar governantes tiranos, dizia Alberdi. Ele acreditava que o novo cenário pedia, na verdade, aos publicistas, aos cidadãos e aos escritores, a formalização de uma Constituição e a concretização de uma realidade do que antes era apenas uma esperança. Pedia uma imprensa para a paz, que deveria agir como um poder público em nome da liberdade:

Hablar de la prensa es hablar de la política, del gobierno, de la vida misma de la Republica Argentina, pues la prensa es su expresión, su agente, su órgano. Si la prensa es un poder público, la causa de la libertad se interesa en que ese poder sea contra-pesado por sí mismo. Toda dictadura, todo despotismo, aunque sea el de la prensa, son aciagos a la prosperidad de la República. Importa saber qué pedía antes la política a la prensa, y qué le pide hoy desde la caída de Rosas.<sup>43</sup>

O advogado questionava se Sarmiento atendia a essa exigência. Criticava também a postura do periodista que durante tantos anos esteve ocupado apenas em

<sup>41</sup> *El Granizo* foi publicado de 29 de outubro a 10 de novembro de 1827. O periódico tinha redatores os três irmãos Varela (Florencio, Jacobo e Juan de la Cruz) e atuou como um ferrenho defensor do unitarismo. Os artigos tinham como alvo principal a administração do governador Dorrego e seus ministros, em Buenos Aires. *El Pampero* foi escrito por Manuel Bonifácio Gallardo e publicado de 17 de janeiro a 7 de outubro de 1829. Era absolutamente polêmico e representou a última publicação unitária no período. Foi suspensa pela legislação do governo Rosas. A coleção do periódico consta de 108 números. Para ver mais: MORENO, G., *El Periodismo Argentino*.

<sup>42</sup> Jean Paul Marat (1743-1793) foi um reconhecido político e jornalista da Revolução Francesa. Seus artigos nos jornais atacavam nobres, ministros e a Assembléia Constituinte da França na época. A expressiva atuação de Marat na imprensa fizeram com que ele conquistasse a confiança da população. Tornou-se uma espécie de porta-voz entre os cidadãos franceses e os líderes revolucionários jacobinos que tomaram o poder em 1793. Marat ficou conhecido por utilizar a expressão “inimigos do povo” e publicar uma lista com os nomes de tais inimigos no seu jornal *L’Ami du Peuple*.

<sup>43</sup> PAGLIAI, L., *Escribir la Pasión desde el Intelecto*, p.41.

combater e destruir através da imprensa, e que após a vitória de Caseros, seria muito difícil aprender a edificar. Alberdi assinalou que a tarefa do obreiro da imprensa era penosa, porque construir em política, administração e legislação era como uma obra de arte, que não se poderia aprender escrevendo apenas periódicos.

En la paz, en la era de organización en que entra el país, se trata ya no de personas sino de instituciones; se trata de Constitución, de leyes orgánicas, de reglamentos de administración política y económica; de código civil, de código de comercio, de código penal, de derecho marítimo, de derecho administrativo. La prensa de combate, que no ha estudiado ni necesitado estudiar estas cosas en tiempos de tiranía, se presenta emana delante de estos deberes. Sus orgullosos servidores tienen que ceder los puestos, en que descollaban cuando se trata de atacar y destruir, y su amor propio empieza a sentirse mal. Ya no hay ruido, gloria, ni laureles para el combatiente.<sup>44</sup>

A resposta de Sarmiento no primeiro texto de *Las Ciento Y Una* não veio em tom pouco mordaz. O san juanino afirmou que a República Argentina era um verdadeiro campo de batalha, ficou completamente dividida e a autoridade que deveria surgir, não apareceu. Ele acusou o advogado de escritor de *periodiquines* como *La Moda* e *Figarillo* e assumiu ser um jornalista da imprensa guerreira. afirmou que Alberdi para confirmar seus argumentos precisava criar uma realidade de mentira que pedia a paz em um território que havia apenas a guerra.

He dicho que la Republica está en guerra: que la guerra arde; que continua con furor. Esta es la verdad que todos los días nos anuncia por los diarios que redacta y paga el periodista Alberdi.<sup>45</sup>

### 3.7. Sarmiento: El gaucho malo de la prensa

Outro tema assinalado na polêmica por Alberdi e Sarmiento foi o papel do jornalismo como ofício. O autor de *Bases* definiu o jornalista de San Juan como um “*caudillo de la pluma*”. Alberdi afirmou que as publicações periódicas da América Hispânica, da mesma forma que a política, também possuíam seus *gauchos malos*. Ele assinalou que a imprensa carecia de um estudo particular sobre a época que se iniciava. O advogado criticou duramente o ofício de jornalista, afirmava que Sarmiento foi o verdadeiro bárbaro da imprensa que pretendia a qualquer custo impedir a organização nacional até que Urquiza fosse eliminado. Ao defender o papel da imprensa, Alberdi

---

<sup>44</sup> Ibid., p. 44.

<sup>45</sup> Ibid., p. 152.

decretava que ela não deveria ser utilizada para violar o direito público e acirrar ainda mais as disputas políticas.

La prensa no es escalera para asaltar la familia y su secreto, no es llave falsa para violar la casa protegida por el derecho público, no es el confesionario católico que desciende a la conciencia privada. El que así la emplea, prostituye su ejercicio y la degrada más que los tiranos.<sup>46</sup>

Para Alberdi, nem a imprensa, nem a tribuna, nem as cidades escaparam da lógica do campo. O autor apontou que publicações periódicas atuaram como um poder político que engendrava aspirações e paixões da mesma forma que a espada. O *caudillo de pluma* era como uma planta que dava no deserto e na cidade pequena, fruto direto de uma América despovoada. O advogado questionava: “¿Hace Sarmiento otra cosa que hicieron esos caudillos que , según el, representaron la barbarie en su país, como él la representa hoy día?”.

Segundo Alberdi, da mesma forma que os *gauchos* do governo eram obstáculo para a organização do país, aqueles que escreviam na imprensa também representavam uma ameaça. Ele definiu que o escritor desse gênero se diferenciava pela independência de qualquer autoridade e pela indisciplina. Dessa forma, muitas gazetas das cidades eram marcadas pela lógica do campo, retratavam cidades sem fábricas, sem letras, de vida civil incompleta e ainda embrionária. As redações estavam repletas de *gauchos malos*.

Es el tipo de escritor que prevalece en nuestra prensa medio civilizada en usos de libertad como la sociedad sudamericana de que es expresión. Predica el europeísmo y hace de él un arma de guerra contra los caudillos de espada; pero no toma para sí el tono y las costumbres europeas al Times o al Diario de Debates parisiense y la impugnación y el ataque. Defiende las garantías privadas contra los ataques del sable, pero olvida que el hogar puede ser violado por la pluma. Estigmatiza al gaucho que hace manees con la piel del hombre, y él saca el pellejo a su rival político con pretexto de criticarlo.<sup>47</sup>

Alberdi assinalou que depois da queda de Rosas, muitos intelectuais, como Sarmiento, não conseguiram reconhecer a originalidade do momento. Periodistas de uma imprensa de combate insistiram em realizar acusações através de jornais contra os vencedores de Rosas, utilizando os mesmos meios que a elite intelectual usou contra a tirania anterior. O escritor de Tucumán assinalou que esses mesmos intelectuais representavam a “*conciencia del mundo*” naquele momento. Por isso, os escritos

<sup>46</sup> PAGLIAI, L., *Escribir la Pasión desde el Intelecto*.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p.51.

realizados por uma imprensa de combate ofereciam uma ameaça tão forte a paz na República.<sup>48</sup>

Sarmiento rebateu todos esses ataques ao afirmar que a luta na imprensa diária ainda era necessária para a política argentina. Ele comparou Alberdi ao jornalista popular francês Emilio Girardín.<sup>49</sup> Era uma resposta pelo autor de *Bases* ter afirmado que nunca precisou da imprensa para sobreviver e que era apenas advogado por profissão. Alberdi declarou que visitava os jornais por acidente e presenteava aos editores com seus manuscritos. Argumentava que o jornalista de San Juan só pretendia desmoralizar Urquiza para conseguir seu próprio engrandecimento e um lugar de destaque no cenário. Para Alberdi, os trabalhos de Sarmiento contra Rosas foram nobres e brilhantes, era impossível negar seu prestígio pelos serviços em nome da liberdade, no entanto, escritos como “*Campaña*” causavam verdadeiros danos à paz. O advogado sentenciava que dessa forma o periodista adquiria em grande parte os atributos negativos do seu antigo inimigo:

La tiranía, es decir, la violencia está en todos, porque en todos falta el hábito de someterse a la regla. La prensa sudamericana tiene sus caudillos, sus gauchos malos, como los tiene la vida pública en los otros ramos (...). Desgraciadamente la tiranía que hizo necesaria una prensa de la guerra ha durado tanto que no ha tenido tiempo de formar una educación entera de sus sostenedores y en sus enemigos. Los que han peleado por diez y quince años han acabado por no saber hacer otra cosa que pelear.<sup>50</sup>

Para rebater as críticas, o san juanino afirmava que Alberdi garantia a sua sobrevivência a partir do que ganhava na imprensa. Recordava que *advogado-periodista* tinha trabalhado no Chile em jornais como *La Gaceta de Los Tribunales* e *El Comercio*. Em Montevideú, escreveu também para o *El Nacional* e colaborou com *La Revista del Plata*, *El Povernir*, *El Corsario*, *El Talismán*, *El Gigante Amapola* e *Muera Rosas*.

Sarmiento decretava que Alberdi estava acostumado a escrever periódicos submetidos à disciplina e que, de fato, não era jornalista, mas somente advogado. O escritor san juanino sentenciou a receita do ofício para o autor das *Bases*: “El arte del

<sup>48</sup> Ibid., p. 114.

<sup>49</sup> Emilio Girardín (1802-1882), jornalista francês. Fundador do periódico popular parisiense *La Presse* em 1836. Reduziu pela metade do preço o valor das edições do jornais, dessa forma, conseguiu inovar ao conquistar um maior número de assinantes e aumentar sua renda com publicidade. Na imprensa, atuou como um militante em defesa da liberdade de imprensa e ficou conhecido por ajudar Napoleão a assumir a poder na França.

<sup>50</sup> PAGLIAI, L., *Escribir la Pasión desde el Intelecto*, p.44.

periodista es reedificar castillos todos los días en la punta del alfiler”.<sup>51</sup> Dizia que Alberdi redigia novelas de periódicos ao retratar uma época de paz que não era real, em publicações como *El Mercurio e Diário*. Uma tarefa que somente um charlatão poderia desempenhar.

Si Buenos Aires triunfa, empleo y empleado van a freír monos, escribir novelas de periódicos, o defender pleitos en una República que esté en paz. Pero si el título no se ha hecho realidad, no ha dejado usted por eso de llenar cumplidamente las condiciones previas, escribir novelas de periodicos, subvencionar diarios, redactarlos, esparcilos, reunir clubs, dirigirlos, sostenerlos, agitarlos, mantener correspondencias, recibirlas, publicar lo favorable, torcer, desfigurar, callar lo adverso, ennegrecer a Buenos Aires que los revocó, y pelear desde la prensa del Chile, en nombre de la prensa de Chile, en las cuestinones argentinas, cosas que usted ha desempeñado admirablemente, y sin reposo, al mismo tiempo que las ocupaciones del oficio.<sup>52</sup>

Alberdi também questionou a intenção de Sarmiento como futuro líder político da Argentina, a partir dos seus trabalhos nas publicações periódicas. O autor de Tucumán dizia: “La prensa periódica, desempeñada por largos años, lejos de ser escuela de hombre de Estado, es ocupación en que se pierden las cualidades para serlo”. Assinalou que se a imprensa preparasse gerais, homens como Gíardin e outros escritores franceses poderiam estar a frente dos exércitos, ou como chefes do Estado Maior. Alberdi insistia no tom enfático que a República que se encontrava livre de Rosas deveria se ocupar de uma Constituição, do comércio e das finanças, mas que Sarmiento pelo contrário, dirigia folhas impressas de caráter incendiário contra as novas autoridades, convertendo a conspiração em hábito e costume. O advogado ressaltava: “Después de una larga lucha, la prensa como las casernas quedan llenas de soldados peligrosos”.

Para Sarmiento, Alberdi deveria ter orgulho por trabalhar na imprensa desde muito jovem e se afirmar, na verdade, como um *abogado-periodista*. No final da quarta carta de *Las Ciento y Una*, ainda provoca: “Allá el cañón, Alberdi, aquí la pluma: allá la pólvora, aquí la tinta! Combatamos como argentinos! Usted LEALMENTE comme toujours!”<sup>53</sup> Sarmiento declarava que não era possível se construir uma imprensa de paz, porque a República Argentina se tornou um verdadeiro campo de batalha, uma guerra que todos os dias se anunciava nos jornais que pagavam ao “periodista” Alberdi. Para o escritor de Tucumán, essa resistência da “imprensa de combate” não levaria a

<sup>51</sup> Ibid., p. 157.

<sup>52</sup> Ibid., p.161.

<sup>53</sup> Ibid., p. 237.

liberdade, apenas impedia o estabelecimento de uma autoridade que a América do Sul buscava desde a Revolução pela Independência.

La República está dividida, pues se trata de unirla. Usted tira para un lado, y no es el que le conviene; yo tiro para otro, y usted dirá si me conviene hoy más que lo que convino cuando me alejé del teatro de la guerra. Así discuten publicistas de opiniones extremas, pues sólo un charlatán establece incuestionable base de partida lo que su adversario le niega. Esas tretas son buenos para los diarios que usted escribe, periodista de profesión, y abogado además.<sup>54</sup>

Em *Las Ciento y Una*, o tom beligerante de Sarmiento foi sempre presente. Ele chegou a descrever Alberdi como “*alma e cara de conejo*”, “*pillo de la imprenta*”, “*perro de todas las bodas en política*”, “*pésimo sofista*”, “*eunuco por sus aspiraciones políticas*”, “*traidor de la clase culta de la América del Sur*”. O jornalista dizia ainda que o advogado prostituiu sua inteligência e visava apenas a elevação pessoal com seus últimos escritos.

A crítica substancial de Alberdi, ao pensamento de Sarmiento, era que o jornalista ao defender a hegemonia de capital de Buenos Aires sobre as províncias dava continuidade, exatamente, ao laço político do governo Rosas que ele tanto criticou durante anos. O advogado sentenciava que a desunião no território argentino era consequência direta de uma disputa pelo controle efetivo do porto da capital portenha. Para Alberdi, as províncias não eram a síntese da barbárie. Elas eram as responsáveis pela produção de matéria-prima, da riqueza de um país.

Alberdi defendeu o campo como alicerce da independência e que o *gaucho* foi, muitas vezes, o primeiro soldado. Para o advogado, a localização da civilização nas cidades e da barbárie nos campos era um erro da história e da observação de duas realidades distintas, que se complementavam mutuamente. Segundo Alberdi, o grande problema do sanjuanino consistiu em não compreender a verdadeira natureza do poder. Ao enfatizar a preferência política de Sarmiento, criticou de forma contundente a obra *Facundo*: “Es pernicioso, como calumnia y sátira contra la República Argentina y su sociedad; y como manual, que es de los caudillos y del caudillaje, esta lleno de máximas inmorales y maquiavélicas, y de herejías contra la República Argentina.”

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 151.

### 3.8. “Complicidad de La Prensa”

*Complicidad de la Prensa en las Guerras Civiles de la República Argentina* foi escrito por Alberdi para rebater o conteúdo de *Las Ciento y Una*. O advogado enfatizou, no início da obra, que sua proposta era prosseguir com a análise de uma imprensa bárbara, além de responder, mais uma vez, aos insultos proferidos por Sarmiento. Reforçou todos os argumentos apresentados nos textos anteriores sobre o caráter de uma imprensa com inclinação para a guerra. Apesar das críticas ao periodista, o escritor de Tucumán também atacou de forma sistemática o papel da imprensa política na época. Argumentou que a tirania da *pluma* era o prefácio da tirania da espada e que a liberdade de imprensa precisava lidar com dois inimigos: o tirano e o detrator. “El tirano no hace otra cosa con la espada. El detractor, como el tirano, deguella créditos, sin juicio, ni proceso: es un vándalo de tinta y papel”.<sup>55</sup> Ele ressaltou que durante a Revolução da América as armas foram a única fonte para os *caudillos*, no entanto, os jornais assim como as armas também se converteram numa ferramenta para a guerra e a ação política.

Para o autor, o detrator era aquele que rompia os limites da lei com sua *pluma* e utilizava a infâmia como arma. Um periodista comprometido com esse caráter tinha, para Alberdi, os mesmos defeitos de um tirano. A imprensa não era o território da liberdade, mas sim do *caudillaje*. Alberdi definiu que os escritores do cotidiano que acreditaram que a imprensa amava a liberdade, apenas porque combateram a tirania, poderiam até agir de boa fé, mas as rivalidades impressas proporcionaram uma oposição aos princípios que os nortearam por tantos anos. Essa era a acusação mais grave que realizava contra Sarmiento.

Esa prensa cree que ama la libertad porque combatió la tiranía, y en ese sentido puede alguna vez estar de buena fe, sin que en realidad, sus héroes dejen de ser tan tiranos como sus émulos da espada. La rivalidad, la competencia de intereses, toma el aire de oposición de principios. Esa prensa cree que ama el progreso porque pide caminos, navegación, población y progresos materiales cuando no está en el poder; y en ello no hace más que hablar a la opinión que quiere proporcionarse, el lenguaje que halaga a esta época de vocación económica.<sup>56</sup>

Para Alberdi, essa imprensa de guerra poderia escandalizar a sociedade e no dia seguinte se converter em uma escola de moral e cívica. As páginas não poderiam dar

<sup>55</sup> Ibid., p. 280.

<sup>56</sup> Ibid., p. 282.

num momento curso de insurreição e no outro um exemplo de disciplina. A força de um escritor não poderia se concentrar na máxima de que quanto mais insultava, mais persuadia a opinião pública. As injúrias não representavam a voz da justiça e da razão para Alberdi. O advogado comentava que tinha escrito as *Cartas Quillotanas* para desarmar a Sarmiento e inutilizar as suas armas de combate diante desse novo cenário para a Argentina.

A polêmica entre os dois autores tocou numa série de questões relevantes do momento. Muitos historiadores assinalam que a característica mais emblemática é, exatamente, o enfrentamento e o poder de argumentação dos principais expoentes da geração romântica argentina. Os leitores podem observar a cada texto, a cada frase a falta de flexibilidade e o poder de persuasão de ambos autores. Como protagonistas da cena política e com um papel relevante na elite intelectual da época, eles descreveram de forma apaixonada e violenta os traços marcantes da imprensa naquele momento.

O último texto da polêmica foi *Comentarios de la Constitución de la Confederación Argentina* de Sarmiento. No texto, o periodista afirmou que o objetivo era questionar alguns pontos definidos pela Constituição de Santa Fé, em maio de 1852. O texto foi resultado dos encontros e discussões realizados no “Clube Argentino” de Santiago. Dessa vez, o nome de Alberdi não foi citado ao longo de toda a obra. Ao proclamar sobre o papel da imprensa, o san juanino reforçou que a imprensa sempre foi um instrumento que pretendeu contestar todas as ações contrárias ao progresso de uma nação. Afirmou que tinha o objetivo de destacar alguns pontos duvidosos na Constituição, fazer o acerto de algumas cláusulas e expor os erros que inutilizam toda a obra. Ele pretendia criticar o texto que deu origem a toda a Constituição, o *Bases* de Alberdi. Mais uma vez, Sarmiento defendeu Buenos Aires e reforçou a sua crença de que as províncias eram o local da barbárie, mas acreditava que elas também poderiam se sucumbir a capital letrada e civilizada.

Desfavorecen la posición de Buenos Aires estas causas de disolución. No bien afianzado el sometimiento de las campañas, su ancha exposición al interior las abre a las tentativas de revuelta que la enemiga de los poderes provinciales provocará en ella; lucha de descomposición, de desorden y de vandalaje, en que puede de nuevo sucumbir la sociedad culta y propietaria; pero que a su vez puede despertar toda la energía de un pueblo que tiene veinte años de tradición de males sufridos, por la misma causa.<sup>57</sup>

<sup>57</sup> SARMIENTO, D. F., *Comentarios sobre la Constitución de La República Argentina*. Imprenta de Julio Belin y Ca. Setembro de 1853.

Os insultos e as injúrias proferidas por Sarmiento contra Alberdi eram decorrentes da paixão pelo periodismo do autor. Os dois produziram documentos históricos que apresentam um panorama detalhado dos problemas políticos e sociais mais urgentes da Argentina e da América do Sul na época. Além disso, seus escritos revelam a atuação dos dois como verdadeiros “*gladiadores del pensamiento*” nas páginas impressas do século XIX.

Alberdi reeditou por duas vezes o conteúdo das *Cartas Quillotanas*. Sarmiento, pelo contrário, nunca quis realizar uma compilação de *Las Ciento y Una*. Somente mais tarde, esses textos foram organizados nas obras completas. Para o advogado, a inimizade com Sarmiento e outras personalidades importantes na cena política custou a nomeação para diferentes cargos públicos. A disputa entre Alberdi e Sarmiento alcançou o ponto máximo com a polêmica, mas os dois continuariam como adversários pelo resto de suas vidas.

Lucia Pagliai ressalta que esses textos revelam aspectos recorrentes da obra dos dois autores, não somente pela clareza política de Alberdi em determinadas questões, como pelo discurso eloquente de Sarmiento e sua vocação e compromisso com o público. A autora mostra também que a produção literária de ambos é extremamente notável e, até hoje, é possível notar na história intelectual, aqueles que são partidários ou críticos de um ou outro. Segundo Pagliai, os dois foram grandes ensaístas políticos do seu tempo e seus escritos ultrapassaram as fronteiras da Argentina e alcançaram as características que marcaram uma cultura sul-americana.<sup>58</sup>

Os argumentos proferidos pelos dois autores revelam o estreito comprometimento dos periódicos com diversos atores da cena política. A utilização de palavras como “guerra” e “paz” para explicar a atuação dos jornais indicam um “significado textual” diretamente relacionado à experiência de um tempo passado, que foi marcado pelo confronto, pela liberdade de imprensa, pela guerra civil e pela construção de uma identidade nacional. Os termos foram usados de forma recorrente e carregam, em sua essência, a posição política e ideológica de Alberdi e Sarmiento. Esses discursos tiveram um importante papel na construção do imaginário social e político da Argentina no século XIX. Os limites das publicações periódicas e o caráter combativo das páginas

---

<sup>58</sup> Cf. PAGLIAI, L., *Escribir la Pasión desde el Intelecto*, p. 30 e 31.

impressas não proporcionaram apenas o debate público de ideias, eles também formaram e ilustraram a “opinião”.